

13. Líricas Letras Sonoras

Gostaria de iniciar a minha primeira narração com belas palavras rebuscadas sobre o amor. Entretanto, e infelizmente, não me sinto nem um pouco apto para tanto. Começarei, desse modo, contando como se criou em volta de mim o invólucro que me manteve apartado desse sentimento, e de qualquer outro que valesse a pena, por toda a minha vida até então.

Tratava-se apenas de mais um inócuo concurso de redação. Só uma demagogia institucionalizada pra estimular a competitividade em crianças. Porém, naquele ano, havia uma mudança em mim. Eu não escrevi como acadêmico-mirim sobre temas ingênuos e apresentáveis, nem como observador isento do mundo, não; eu decidira, sem me dar conta, empolgado, assumir o risco de me expor inteiro no que escrevi e, conseqüentemente, de não mais ganhar o prêmio como em todos os outros anos eu havia ganhado. Tudo o que poderia ser criado por mim, naquele período insólito, fatalmente discorreria sobre amor, ou com o que ele se parecia para uma criança de dez anos.

Eu cursava ainda a quarta-série. A minha estimada avó, a natureza e o Ayrton Senna foram, respectivamente, os temas das redações pelas quais venci os outros concursos. Mas, na quarta-série, estava tudo diferente. Eu estava apaixonado...! Era coisa de criança, eu sei, mas era de verdade. Era autêntico! E seriam válidos de atribuição a mim todos os jargões para um genuíno e inocente primeiro amor.

Assim, redigi o texto embalado por uma fluidez que escapava dos meus pensamentos passionalmente aquecidos. Não havia em mim a mínima intenção de vencer – que era, desconsiderando-se os apelos pedagógicos, a única intenção prática de todos que participavam do concurso –, mas sim uma vontade instintiva de publicar a todos o que eu pensava, o que eu sentia. Principalmente para a pessoa que era o alvo das palavras que cravei à mão naquela folha de papel.

Qual foi a minha surpresa ao descobrir que havia sido novamente o vencedor do concurso. Acho que não entenderam os meus simbolismos, a minha pulsação apaixonada em contrastes de vogais fechadas e abertas. O brilho das estrelas não foi para os meus avaliadores o brilho dos olhos de alguém para quem eu me declarava ali. O prêmio? Uma bicicleta. Eu já tinha uma bicicleta. O que eu não tinha era a correspondência do que eu sentia. Confesso ter ficado absolutamente frustrado com isso. Os meus pais venderam a bicicleta e me deram o dinheiro. Naquela idade, pro padrão de vida de onde eu vivia, era quase uma fortuna.

A primeira coisa que tive vontade de comprar foi um livro. Na casa da minha avó havia tantos, e eu me perdia por tardes inteiras a imaginar quando eu teria os meus. Quando eu via na televisão as pessoas entrando em livrarias e comprando livros, ah, como eu os invejava! No entanto, não havia livrarias onde eu morava, no interior do interior do Mato Grosso do Sul.

Na primeira viagem que fizemos a Campo Grande após a venda da bicicleta, fiz a minha mãe me levar a uma livraria. Mas era um lugar muito grande para um iniciante. Eu tinha tanta fome daquilo tudo, mas me senti inicialmente impotente diante de um universo tão vasto de opções. Era um bombardeio de informações, e capas, e preços. Entre lançamentos e promoções, eu não conseguia me decidir sobre o que comprar. Era um mundo inteiro de livros. Eu não os conhecia. Por que comprar esse e não aquele? Nenhum daqueles livros era especial para mim. Fui andando perdido entre as estantes e, em uma prateleira lá do fundo, onde ninguém olha, vi um livro que me chamou a atenção.

Até hoje não sei que força cósmica foi aquela, mas, em instantes, eu o estava segurando em meus braços como a um bebê, e começando ali uma imensa empatia. De longe, as cores da capa

pareciam ser apenas flores, mas quando o tive bem perto dos meus olhos, pude observar que na verdade era um jardim muito diferente, um jardim de letras desenhadas em fontes bonitas. Eu me transportei pra lá sem perceber. Ali, era-me tudo tão familiar, como se eu já tivesse passado tantas tardes solitárias deitado na relva daquelas letras, apreciando o que para os outros era invisível.

Após esse encontro, nenhum outro livro conseguiu atrair a minha atenção. Foi assim que destinei parte da minha pequena fortuna a um livro chamado “Líricas Letras Sonoras”.

Definitivamente, não era uma obra para crianças, mas eu só o percebi depois de ter lido. Era uma estória fragmentada sobre vários artistas enfrentando toda natureza de problemas, lutando por suas artes, por seus amores. E o autor, de modo quase subliminar, descreveu a coragem de assumir os próprios sentimentos como a atitude mais admirável de uma pessoa. Terminei de ler o livro em uma espécie de transe encorajador, em uma noite fria de inverno, e, na gelada manhã posterior, resolvi me declarar para a pessoa por quem eu estava então inocentemente apaixonado.

- Pablo!

- Qual é, viadinho?

- Eu queria te falar uma coisa.

- O que foi? Desembucha!

- Você leu a minha redação?

- Todo mundo já sabe que você ganhou de novo, seu metido.

- Eu perguntei se você leu.

- É, eu li aquela sua baboseira de amor.

- Você entendeu que era sobre amor?

- Você se acha muito inteligente, não é? Acha que o resto do mundo não dá conta de entender a sua genialidade, não é?

- Por que está falando comigo assim?

- Não enche!

- Eu escrevi pra você.

- O quê?

- Sabe, eu gosto de você...

- Ah, agora essa! Sai pra lá, sua bicha!

Com essa última palavra, ele me deu um forte empurrão, já virando o corpo para se afastar de mim. Um afastamento que até hoje é a lembrança mais viva dentre as que transitam em minha cabeça. Eu era um garoto de dez anos conhecendo rejeição, desprezo, preconceito.

O Pablo era um garoto lindo, dois anos mais velho do que eu, e já todo adolescente na época que isso aconteceu. Era o portador do sorriso mais charmoso do mundo, na minha suspeita e limitada opinião. Era tão seguro, tão esperto, tão atraente! A família dele era tida como rica para os padrões da cidade. Ele morava em uma das poucas ruas asfaltadas. Um asfalto que eu conhecia como a palma da minha mão. Passava inúmeras vezes por dia em frente à casa dele com a intenção de vê-lo, mesmo que de relance. Às vezes, eu o via no quintal, por uma fresta no portão. Às vezes, eu o via saindo de casa para ir brincar com os amigos. Às vezes, eu nem o via, mas só a expectativa já me movia. Em dias muito quentes, eu ficava completamente queimado pelo sol e todas as suas refrações, de tanto subir e descer a rua daquele asfalto quente e impiedoso. Mas eu não conseguia evitar. Era quase um vício. Uma vontade incontrolável de sempre ter um pouco mais da visão que eu tanto desejava.

Antes que eu me desse conta da exclusão de grupos minoritários pela maioria dominante, o meu querido homenageado espalhou minha sincera declaração pelos quatro cantos da escola. E o boato tomou conta da cidade. Eu poderia tentar desmentir, mas finalmente entenderam as metáforas da minha redação. E o meu jeitinho de criança carinhosa passou a ser chamado de jeito de viado mesmo.

Eu virei motivo de piada entre os garotos. Alguns até ensaiavam me dar uma surra na saída da escola, para me ensinarem a ser macho. Uns poucos até tentaram de verdade. Com as garotas não chegava a ser violento, mas elas também me evitavam, como se eu fosse portador de uma doença contagiosa. Os professores não faziam nada, nem nunca tocaram no assunto, pelo menos não na minha frente. Os mais maldosos já desconfiavam da minha sexualidade. Os mais ingênuos preferiam acreditar que era só coisa de criança, ou da minha parte ao me declarar, ou da parte do Pablo, ao inventar tal mentira para me denegrir. Meus pais fizeram vistas grossas, mesmo porque, em silêncio, eles já sabiam. E minha avó achou o máximo: ela sempre quis ter um netinho gay.

O impacto disso tudo na minha vida? Eu nunca mais ganhei um concurso de redação na escola. Todos os meus amigos foram obrigados por seus pais a se afastarem de mim. Os meus próprios pais começaram a fazer de tudo para evitar que eu convivesse com outras crianças – as do sexo masculino, por quem eu poderia me interessar, e as do sexo feminino, com quem eu poderia aprender os modos efeminados. Por fim, passei a viver em uma redoma silenciosa de preconceito, sob uma vigilância constante de olhares de escárnio, curiosidade e reprovação. De vez em quando, piedade.

Mas nem todo instante era infernal assim, embora solitário. Ainda havia um refúgio para mim: a casa da minha avó, uma bibliotecária há muito aposentada, mas que gostava das coisas da modernidade. Ela era um anjo perdido naquele fim de mundo. Era o meu anjo da guarda, embora quase nunca estivesse por perto. Minhas companhias, depois do incidente com o Pablo, foram os livros velhos de sua biblioteca. Alguns eram pesados demais, outros me faziam espirrar, de tão mofados, mas quase todos se tornaram meus melhores amigos, conselheiros, tutores, pai, mãe, amores, e tudo mais o que me faltava. Eu estava corrompido, para sempre, pela literatura.

Agora tenho dezessete anos e estou a poucos dias de começar a faculdade. Letras. Quero ser escritor, o que é um legado inegável da minha infância. Minha querida avó faleceu há dois anos, deixando, em seu testamento, todos os seus livros para mim. Nenhum outro neto foi sequer mencionado. Isso realmente é algo de que me orgulho. Mas vou ter de me separar por um tempo da minha herança, pois vou estudar em São Paulo. Finalmente, deixarei esta cidadezinha conservadora no fim do mundo para ir morar a quilômetros e quilômetros de distância da marcação cerrada das cabeças pequenas que me cerceavam.

Neste momento, estou dentro do ônibus, iniciando a minha tão esperada viagem. Do passado, vejo apenas umas poucas luzes, lá ao longe, onde não tenho mais interesses e não pretendo voltar tão cedo. Aquilo foi um casulo, agora virá o vôo. Preparo-me para uma nova vida, na qual eu não terei mais de adiar os sonhos.

14. Corrosão

As estórias, os filmes, os livros, as canções de amor, quase tudo me faz sentir essa inveja que sinto agora. Estou na rodoviária de Campo Grande, onde tenho de pegar o ônibus para São Paulo. Estou sentado nos bancos de espera. Na minha frente, um belo casal se exhibe sem constrangimentos aos beijos e abraços. Ambos devem ser mais novos do que eu. Talvez por volta de quinze anos. Ao

que parece, ele está indo viajar e ela ficará. E os pensamentos sobre os dias em que ficarão distantes um do outro parecem estimular mais as carícias.

Ela é uma menina bonita, moderna, adolescente de cidade grande. Ele também é bonito. Está usando uma camisa do Iron Maiden, com algumas correntes adornando a calça e tem o cabelo grande, como manda o figurino de um metaleiro. Está sentado ao lado da namorada, com as duas pernas sobre o colo dela, e o braço em volta do seu pescoço. Eles se beijam de minuto em minuto. E beijos molhados. E se abraçam, se tocam, trocam palavras carinhosas. Ela ajeita o cabelo dele com cuidado e depois, durante o próximo beijo, desarruma tudo de novo.

Eu, algumas fileiras atrás, apenas assisto ao espetáculo sendo corroído por uma inveja cáustica. Inveja dela e desejo por ele. Não, não nego. É inveja sim. Quando eu peguei o ônibus na minha cidade, não havia ninguém para me dar um beijo de despedida. Quando eu chegar a São Paulo, não haverá beijo de boas-vindas. Pra ser mais sincero, eu nunca beijei ninguém. Nunca tive ninguém para acariciar meus cabelos e me dizer palavras carinhosas ao pé do ouvido.

Durante o meu cárcere social na minha cidade, nunca pude concretizar tantas qualidades amorosas que eu sinto ter. Tantos sentimentos bonitos nasceram e morreram isolados dentro de mim. Uma infertilidade forjada. Injusta. Doída.

Até os beijos dos livros de bolso me despertam essa inveja. Acredite. Parece tão fácil para os outros. Em todo lugar, todo mundo parece ter o seu par, menos eu. E é por isso tudo que a prioridade da minha nova vida em São Paulo, longe de todos os meus carcereiros, será arrumar um namorado!

- Oi.

- Oi.

- A gente tem mais coisas do Belle And Sebastian lá dentro, se você quiser dar uma olhada...

- Não, não. Só estou dando uma conferida nos preços, mas não vou comprar nada hoje. Sabe como é estudante... sempre sem grana.

- Eu imagino. Você estuda nesse colégio aqui em frente?

- Não. Na verdade, eu já estou na faculdade.

- Nossa! Nem parece. Você tem a maior cara de novinho. Faz faculdade onde?

- Na USP.

- USP!? Legal. Eu estou tentando jornalismo há dois anos, mas também tem de ser em uma pública, porque meus pais não têm condições pra pagar uma particular.

- Eu sei bem como é. Você é daqui mesmo?

- Sou, e você?

- De longe, muito longe: do Mato Grosso do Sul.

- Nossa! Bem que eu reparei que seu sotaque era diferente.

- Mas não é de caipira pantaneiro como eles fazem na TV, é?

- Nunca vi ninguém desse lugar na TV. Mas é diferente do sotaque daqui.

- Eu também estranhei um pouco o sotaque daqui, mas já estou me acostumando, “meu”.

- Você tem uns traços de índio, ou é impressão minha?

- É verdade. Acho que a avó da minha mãe era índia, ou coisa assim.

- Marcos! Tem um cliente aqui na seção de CDs, chamou um homem com cara de poucos amigos.

- Ih, vou ter de atender, se não meu chefe me mata. Mas aparece aí um outro dia.

- Tudo bem, Marcos. Pode deixar que eu apareço.

Mudar para um lugar totalmente desconhecido, e tão grande, tão cheio de possibilidades, me faz lembrar de quando quase me afoguei no rio da cidade, sendo arrastado pela correnteza e sentindo aquela água barrenta penetrar minhas narinas como fogo. Só que agora o fogo queima dentro de mim de maneira prazerosamente estimulante, e eu não quero ser salvo por nenhum canoieiro de passagem. Quero me entregar às águas dessa megalópole que não se importa se um garoto flertar com outros garotos nas livrarias, nas lojas de discos, nos cinemas...

- Você?

- Oi! Não disse que voltaria?

- É, mas juro que te esperava na seção de CDs alternativos, não aqui nos livros mais vendidos.

- É que um dia vou ser um grande e modesto escritor, sabe? Por isso, preciso estar sempre por dentro do que está rolando.

- Ih, esse mês, mês passado, não deu outro: “Sobre como Antônio não Matou seu Pai”. Já leu?

- Quem não leu?

- Você não tem cara de quem gosta desse tipo de livro.

- Eu entendo o que você quer dizer, mas é que o livro foi lançado pela editora de um escritor que eu gosto, por isso fiquei curioso.

- É algum escritor famoso?

- Acho que não. É aquele cara que escreveu recentemente um livro sobre o vestibular.

- Ah, sei qual é. Vendeu bem também. Pelo visto, ele sabe lançar sucessos. Eu até pensei em comprar esse do vestibular, afinal, é um sobre um dilema que estou enfrentando.

- Caiu como uma luva pro momento da minha vida também. Eu tenho, posso te emprestar, se você quiser.

- Ah, eu vou querer sim. Acho que eu vou gostar.

- Bem, ele tem livros melhores. Esse é bom e tudo, mas é meio comercial demais.

- Sei como é...

- Mas, no fim das contas, se ainda estiver interessado em ler...

- Claro!

- Você poderia passar no meu apartamento um dia desses pra pegar. É aqui pertinho.

- Pode ser. Toma aqui o número do meu telefone. Liga no fim de semana e a gente combina alguma coisa.

- Tá, anota aí o meu também. O meu nome é Fernando, muito prazer.

Pode parecer ridículo pra você, experiente leitor, mas apenas pegar o telefone de um garoto me trouxe uma euforia incontrolável, um frescor sob os pés que quase faz dançar, como uma criança que acaba de ganhar um videogame. E saio agora pelo shopping afora cantarolando “The State I Am In”.

É um início. É a chance de um encontro com alguém que eu sei que está com as mesmas intenções que as minhas. E ninguém vai falar nada, ninguém vai nos proibir, nos intimidar. Ninguém vai ter nada a ver com isso. É um início e um alívio para todos os sentimentos que corriam até hoje.

Acredito que será, enfim, o fim daquele maldito invólucro que me manteve sempre tão carente. Acredito porque sinto a diferença na pele, nas minhas papilas gustativas, na doçura bastante mais doce de poder dar vazão aos desejos depois de um logo período de amargura. Desejos reprimidos são quase como câncer. A palavra que sempre me ocorre é corrosão. Só a tentativa de realizá-los já me faz sentir em tratamento, quase curado. É uma injeção de ânimo. Um antidepressivo natural. E agora tento.

15. Linha Tênu

Sempre tive minhas preferências claras em minha cabeça, mas nunca fiz a mínima força para que as pessoas ao meu redor percebessem. A primeira vez que uma pessoa com quem eu me relacionava descobriu que eu gostava de pessoas de ambos os sexos, ela não gostou nem um pouco. Essa pessoa, um garoto, filho de um ex-colega de trabalho do meu pai, se chamava Rodolfo.

Pelo nome, você já deve ter entendido que o pai dele rezava pela cartilha dos costumes tradicionais, certo? Adepto roxo da disciplina, muito mais do que meu pai era corintiano. Só que o pai dele era mais atento do que o meu. Percebeu logo cedo os modos efeminados do filho e, furioso, obrigou o coitado a estudar em um seminário. Regime de internato.

O Rodolfo perderia sua coleção de revistas de moda inteira, mas nunca me contaria como conseguia tantas regalias no seminário, como essa de dar uma escapadinha quase toda tarde pra me encontrar. Ele não contaria, mas não é difícil imaginar, é? Já estávamos ensaiando algo como namoro, quando eu disse que também gostava de garotas. Ele fez um escândalo na praia em que estávamos. Disse que não se preocupava em me deixar livre aqui fora enquanto ele estava trancado (trancado?), porque, entre ele e um outro garoto, ele se garantia (modesto...), mas não podia competir com uma “xoxota”. Sim, esse foi o termo que ele usou, e ficou me enchendo tanto com um monte de paranóias de pessoas inseguras e extremamente ciumentas que eu perdi a calma e acabei jogando na cara dele o modo pelo qual eu achava que ele conseguia sair do colégio. Nunca mais nos vimos depois disso.

Eu me arrependi do que disse. Afinal, o que ele fazia era por minha causa também, para me encontrar. Mas não consigo segurar essas falas sarcásticas de efeito triunfante. E ele também disse coisas que eu não merecia ouvir. Que culpa tinha eu de gostar de meninos e meninas? A mesma que ele por gostar apenas de meninos. E se o pai dele não o entendia, ele também não me entendia. Em suas devidas proporções, pai e filho não lidavam bem com comportamentos diferentes dos seus. Imagine agora se eu tivesse contado que já era pai?

A segunda pessoa pra quem contei, dessa vez uma garota, me surpreendeu com uma pergunta relevante: “mas e se você estiver em uma festa, e um menino e uma menina estiverem dando mole pra você, com qual dos dois você fica?”. Foi uma pergunta que me deixou inicialmente desarticulado. Mas, após muita reflexão, respondi: “e se você estiver em uma festa e dois garotos estiverem dando mole pra você, com qual dos dois você fica?”.

Meus pais trabalhavam o dia todo e eu tinha a casa só pra mim durante esse período. Se você já entrou em uma sala de bate-papo da internet, entenderá facilmente o que quero dizer com “eu tinha local”. Claro que na minha adolescência internet era coisa futurista. Mas o que muda é só a forma pela qual se busca, os objetivos continuam os mesmos de sempre.

É, eu tive uma adolescência cheia de experiências. Namorei várias pessoas, até tive um filho. Algumas vezes foram relações desastrosas, outras deixaram saudades, outras foram sem sal, outras apimentadas demais. E quer saber o que aprendi com isso tudo? Eu aprendi a me orientar por meus desejos. Eles sempre foram coerentes comigo, diferente do mundo e até da minha racionalidade.

- Não acredito! Você foi pra Brasília só para ver a posse do Lula, Fred?

- Com adesivos e bandeiras do PT no meu carro. Você tinha de ter visto, a esplanada ficou vermelha e branca.

- E você conseguiu ver a cerimônia da posse?

- Não. Era muita gente. Mas consegui vê-lo na passeata.

- Você é muito animado para fazer uma viagem dessas.

-
- E se prepare! Na próxima viagem, você vai comigo.
 - Isso é uma intimação ou um convite?
 - Agora que a maré do livro da Kátia já baixou, que as coisas estão mais tranquilas, bem que a gente poderia fazer uma viagem, não acha?
 - Sinceramente, não. Quero começar a trabalhar o quanto antes em um segundo livro. Agora, eu vivo disso, lembra? E, ao contrário de você, eu não tenho empregados para trabalhar no meu lugar.
 - Não vá se tornar um workaholic, por favor.
 - Mas também não vou ser relapso com minhas atividades, não é? Mas vou considerar sua proposta. Talvez, uma viagem para algum lugar aqui por perto.
 - Ai, ai, bonitinho, lugar aqui por perto? Eu estava pensando nas praias do nordeste.
 - Eu não vou à praia nem aqui.
 - Talvez algum lugar mais frio... gosta de montanhas?
 - Ok, começou a ficar interessante. No inverno, então, deve ficar ainda melhor.
 - Meu, você é jogo duro, hein? Sabe quanto tempo falta para o inverno?
 - Hum... acho que é o William chegando. Acho melhor você tirar a cabeça do meu colo.
 - Bom dia, pai.
 - Bom dia.
 - O que você fez com seu cabelo, moleque? perguntou o Fred, em tom de deboche.
 - Bom dia também, Fred. Pois é, resolvi cortar...
 - Mas precisava ser na barbearia do exército?
 - Ah, não enche! gritou o William, batendo a porta atrás de si.
 - Nossa, que dó! Eu achava o cabelo dele tão bonito.
 - Eu também estou chocado, mas não precisava debochar dele, precisava?
 - Desculpa, John. Isso ainda é muito novo pra mim. Mas viu como já estamos íntimos? Ganhei até um “não enche” que se costuma dar aos pais.
 - Ei, eu não costumo ganhar esses “não enche”.
 - Sei, senhor pai do ano. Mas, sabe, eu estava pensando se ainda precisamos esconder dele...
 - Esconder o quê? Ele sabe que estamos namorando.
 - Só estava pensando se a gente ainda precisa ficar escondendo nossos beijos, abraços, um deitado no colo do outro, essas coisas...
 - Sabe, se eu estivesse namorando uma garota, faria tudo isso na presença dele sem problemas.
 - Pois é...
 - Mas, não sei, procuro sempre não invadir o espaço dele. Afinal, é aqui que ele mora, onde ele espera ter o mundo do jeito dele, com privacidade, segurança, essas coisas todas. Talvez, um dia quando estivermos os três no seu apartamento...
 - Você é muito bonzinho. Queria ter tido um pai como você.
 - Não queria não. Todos os pais são um pé no saco.

Sobre o William, contar pra ele que eu namorava moças e rapazes não foi uma tarefa fácil, mas até que ele absorveu bem. Lembro de ouvir um “você é gay, pai?”, mas o tom não era dos piores. Já com os meus pais, foi um pouco mais traumático. Eu havia convidado pra estudar na minha casa um colega das aulas de piano. Na verdade, estudar era um pretexto, você sabe. Já estávamos ficando há algum tempo. Estávamos no meu quarto, ouvindo o recém-lançado álbum “As Quatro Estações”, da

Legião Urbana. Não estou inventando isso, a canção era “Meninos e Meninas”. Foi quando minha mãe entrou no quarto, sem bater, e nos flagrou aos beijos.

A primeira reação dela foi dar um passo atrás e fechar a porta, como se estivesse tentando voltar a fita. Talvez na esperança de abrir a porta de novo e me encontrar sozinho no quarto, e que aquela cena tivesse sido só a imaginação dela. Abriu de novo a porta e lá estávamos o meu colega e eu, sem saber onde enfiarmos nossas caras de tanta vergonha. O “você pode me explicar o que significa isso, John?” teve um tom ameaçador.

Isso aconteceu em um sábado. Na segunda, a consulta com a psicóloga já estava marcada. Meu pai ligou trinta minutos depois do flagrante, enfurecido, com um tom mais ameaçador do que o da minha mãe. “Pai, por favor, sem essa de filho meu não vira viado”.

O tempo foi passando e meus pais foram se acostumando com a idéia. Minha mãe bem que tentou me fazer ir tomar conselhos com um padre, mas já não tinha volta. Eles eram antiquados demais para entenderem uma coisa assim, mas modernos demais para tomarem alguma decisão autoritária. Na corda bamba, apenas segui com minha liberdade de me relacionar com quem eu quisesse. Assumir os próprios desejos faz você desenvolver uma grande cumplicidade entre seu ego e sua libido.

16. O Verdadeiro Amor de Severina

Houve a viagem curta com o Fred e houve o beijo na frente do William. Houve também uma acentuação na implicância entre eles. O Fred parece nunca ter lidado com adolescentes na vida. Além disso, o William vem passando por uma série de transformações anti-liberais. Tudo começou quando ele tirou os piercings e os brincos. Depois, cortou o cabelo. Mudou o guarda-roupa de surfista para coroinha, e diz não curtir mais rock. Agora diz gostar de música gospel, mas às vezes chego em casa sem avisar e ele está no quarto ouvindo Strokes, White Stripes, e essas bandas que ele gostava antes. Mas eu nem comento nada, só deixei o “Hunky Dory” do David Bowie no carro, pra tocar “Changes” quando ele está comigo.

Quando ele era pequeno, a minha mãe morria de medo que eu fizesse dele uma criança a meu molde, e que aparecesse um dia com ele tatuado e furado, mas eu sempre o deixei escolher seus próprios caminhos. Inclusive agora, nessas mudanças drásticas. É uma mudança de tribo, de estilo, não de essência. E a essência do William sempre foi dócil e de boa índole, o que eu admiro muito. As mudanças externas eu deixo por conta dele. Se quiser ser gótico ou emo amanhã, tudo bem. Ficaria preocupado se fosse um definhamento de caráter ou coisa assim.

E, pensando pelo lado bom, a casa nunca esteve tão arrumada quanto agora. Ele parece um soldadinho, todo bonitinho, que acorda às cinco da manhã e arruma a cama. Mas por falar na casa, a Tamara já está procurando um lugar no centro para montarmos a editora, que começa a não caber mais aqui. Essa tarde, inclusive, a Kátia virá pra começarmos a trabalhar no livro novo. Com a grana do primeiro, ela pediu demissão do emprego e resolveu se dedicar à nova profissão. Voltou pra escola e tudo mais.

- Kátia! Que saudades!
 - Eu também, meu amigo, me dá um abraço!
 - Como você está?
-

- Ah, esses dias na casa da minha irmã foram bons pra colocar a cabeça no lugar. Deu pra pensar muito nas coisas. Ah, John! Meus sobrinhos estavam todos orgulhosos de mim. Vários colegas deles foram até me pedir para autografar o livro, você acredita?

- Sentindo o gostinho doce do sucesso, hein?

- John, por acaso, o office-boy que me cumprimentou lá fora é o William?

- Office-boy? Essa foi boa. É ele sim.

- Meu Deus! O que deu nele?

- Só um aviso: ele tem implicado com todos que fazem brincadeiras com isso.

- Tá, eu não ia falar nada.

- E o fotógrafo?

- Ah, o Martin... Nem te conto, menino. Ele me ligou quase todo dia. Como se não bastasse, foi um fim de semana lá em Santos só pra me encontrar. O negócio está ficando sério.

- Sim, estou percebendo.

- E você, como foi de aniversário?

- Foi tudo ok. Obrigado pelo presente.

- Imagina... E você e o Fred, como estão?

- Estamos bem. Ele viaja muito, mas quando está aqui, e não está implicando com o William, a gente tem se dado bem.

- Nó, você está falando dele sem o menor entusiasmo. Não parece apaixonado não.

- Kátia, Kátia. Eu já namorei demais na minha vida, mas venho de um longo período sozinho. Ainda estou um pouco enferrujado.

- Mesmo assim, a relação de vocês parece morna demais.

- Ele é um cara vivido. Eu também. Realmente, não é uma paixão adolescente. Eu sei que ele não é o grande amor da minha vida, mas é quem está ao meu lado agora.

- John, John! Não se de onde você tira essas coisas bonitas que você fala...

- E o novo livro?

- Estou com ele prontinho na cabeça.

- Prontinho?

- Prontinho da Silva!

- Que boa notícia! Vamos lá pra dentro começar a trabalhar então?

- Quer ouvir o título primeiro?

- Você já tem um título?

- “O Verdadeiro Amor de Severina”.

- “O Verdadeiro Amor de Severina”...

- Você gostou?

- Sim, sim. Com o nome do protagonista, como se fosse uma marca registrada. Além do quê, eu gosto muito dos nomes que você escolhe para suas personagens.

- Ah, é? Por quê?

- Você escolhe nomes comuns, bem brasileiros...

- E isso é bom?

- Sim, porque soa natural. Também não seria ruim se fossem nomes em espanhol ou russo. Mas não deixam de ser um charme a mais. E a Severina, quem é?

- Uma moça simples, do sertão nordestino, de dezesseis anos. Apaixonada. Ajudava o pai na lida dos animais e a mãe a cuidar da casa. Quando conseguia dar uma escapulida, ia se encontrar com

seu homem, um dos jagunços do coronel da região. Severina era moça bonita e o jagunço muito ciumento. Nenhum outro homem podia olhar pra ela sem perder um dos olhos. Ele também era bruto com Severina, batia nela, mas mesmo assim ela gostava dele.

- As feministas não vão gostar nem um pouco.

- Calma, calma. Aí, um dia, o pai dela morreu. A mãe vendeu as terras e decidiu se mudar pra São Paulo, pra tentar uma vida melhor. Severina queria ficar com seu jagunço, mas a mãe levou a moça com ela na marra. Depois de um mês em São Paulo, a pobrezinha descobriu que estava grávida. A mãe dela nunca ia aceitar uma coisa dessas, ela sabia. Aí, ela resolveu roubar o dinheiro da venda das terras e fugiu.

- Pelo visto, protagonistas politicamente incorretos são os seus preferidos.

- O que ela queria mesmo era voltar pro jagunço dela, mas acabou foi caindo no papo de um pilantra que prometeu levar a coitada até o sertão, mas na primeira oportunidade roubou todo o dinheiro de Severina. Aí, com uma mão na frente e outra atrás, ela vai caindo na mão de pilantras que só lhe fazem mal. Um deles desce tanto o braço nela que a coitada até perde a criança...

Não sei o que há comigo, parece que venho me cansando fácil demais das coisas. A estória que a Kátia está me contando é daquelas que prendem a atenção de qualquer um, mas ainda assim só tenho olhos pro piano empoeirado encostado no canto da sala, o casal apaixonado de dó e ré sustentidos e o bizarro triângulo amoroso entre o fá, o sol e o lá sustentidos. E o Apartheid inverso da minoria de peças negras em cima da maioria de peças brancas.

E Kátia continua falando, empolgada, mas não já não me surpreende mais, eu já adivinho o que vem depois. Dá tudo errado na vida da moça da história, e eu sequer me comovo. Chego a pensar que também não quero escrever estórias alheias. Mas preciso continuar com isso. Infelizmente, ainda preciso pensar na minha sobrevivência nessa selva moderna.

- Aí, ela foi morar com esse organizador eventos de segunda. Era um vigarista que tratava a bichinha como um investimento, mas pelo menos não batia nela. Ele queria era encontrar um figurão num evento desses e fazer o velho ficar de quatro por Severina, pra dar o golpe do baú. Essa vai ser a parte mais engraçada do livro, do dois dando com os burros n'água tentando dar os golpes. Mas já está ficando cansativo, não é? Seus olhos estão até caindo. Depois a gente inventa direitinho uns golpes aí. Vamos pular logo pros finalmente?

- Vamos.

- Eles vão tentando dar o golpe até que um dia conseguem. Um banqueiro viúvo e bem velhinho, um romântico à moda antiga, que já não tinha mais muito tempo pra perder e tratou de marcar logo o casamento. Mas os filhos dele ficaram revoltados, e começaram a infernizar a vida da futura madrasta, principalmente o filho boa-vida que ainda morava com o banqueiro. Ele, a esposa e o filho de dezoito anos.

- Um a menos que Severina...

- Já está imaginando o que vai acontecer, não é? Mas aí o filho boa-vida convenceu o pai a se casar em regime de separação de bens.

- As coisas nunca são fáceis pra Severina, hein?

- Se fossem, ela não seria um caso ser contado, não é? Bem, o vigarista e Severina acabam decidindo aceitar o casamento, já de olho no testamento do velho. Aí, Severina se casa, de véu e grinalda, uma festa de dar gosto, e vai morar na mansão. O enteado continua a infernizar a coitada, e o vigarista também, pedindo dinheiro. O tempo vai passando nessa peleja, e ela começa a sentir falta de

um homem na cama. O banqueiro tinha dito que dava conta do recado, mas você sabe como é, todo homem acha que dá. Mas Severina era fogaosa, e não queria mais saber do vigarista, agora era madame. Aí que entra o neto do velho na história.

- Imaginei.

- Esse período foi o mais feliz da vida da pobrezinha. Ela tinha uma empregada na casa que ficou sua amiga e que quebrava todos os seus galhos. Ela tinha um amante jovem e bonito, pra suprir suas necessidades de mulher. E um marido adorável, pra lhe fazer companhia. Os dois se entendiam muito bem. Ele era um cavalheiro e ela era como uma enfermeira pra ele. Ela até dava atenção aos contos dele que ninguém gostava de ouvir, coisa de gente velha, que fazia Severina lembrar do pai.

- Que psicanalítico isso.

- O vigarista estava cada vez mais indo lá pedir dinheiro e o enteado começou a desconfiar da relação dos dois. Armou um grande flagrante, mas quando foi desmascarar Severina na frente do pai, adivinha quem estava com ela na cama?

- O neto dele.

- Ah, não tem graça com você! Mas imagina a cara do enteado boa-vida vendo o próprio filho com Severina!

- Você e suas situações inusitadas!

- Aí, o banqueiro expulsou o filho e sua família da mansão e cortou a mesada deles também. Mas decidiu não se separar de Severina. Ela era uma boa companhia, no fim das contas. E ele sabia que estava velho e que precisava de alguém que cuidasse dele como ela cuidava. Mas desde o flagrante passou a tratá-la com frieza.

- Ok.

- Só que o vigarista ficou numa pior quando o velho parou de dar grana pra Severina. Aí, contratou um matador pra dar fim no seu plano. A coitada era golpista, mas tinha bom coração! Tentou evitar como deu, mas o vigarista estava fora de controle. Aí, ela decidiu ir procurar o matador, pra pagar uma quantia maior pra ele não executar o serviço. Chegando lá, adivinha quem era o matador?

- Um dos pilantras que aproveitaram dela?

- Não! O jagunço! Ele não se conformou da sogra ter arrancado a menina dele e veio atrás delas. Mas São Paulo era muito grande, e ele acabou desistindo de procurar. Não sabia fazer nada, só atirar, então virou matador profissional. E o destino agora colocava os dois de novo frente a frente. Quando Severina contou que era a esposa do velho que era pra matar, aí é que o matador quis fazer seu trabalho com gosto. Matar o velho e o vigarista, e ficar com Severina e a herança dela. Mas ele sabia que Severina era coração de manteiga e não ia concordar com aquilo, aí ele fingiu aceitar o pedido dela pra desistir do trabalho. Fingiu tão bem que não demorou nada pra levar a moça pra cama. Severina também não falou mais nada sobre a encomenda da morte de seu marido. Os dois não eram muito de falar...

- Essa Severina!

- Por um lado, ela até pensou que não seria de todo ruim se o seu jagunço fizesse o trabalho. Ela ia realizar o seu desejo de mocinha, de voltar pro seu jagunço. Mas por outro lado ela não poderia deixar que matassem um homem que havia sido tão bom pra ela. Ela ficou numa encruzilhada. Não sabia o que fazer.

- Assim como o Antônio estava indeciso sobre matar o pai.

- Olha! Exatamente. Aí vem o último capítulo, chamado: “O Verdadeiro Amor de Severina”, onde será revelado quem realmente é o dono do coração dessa coitada. Você tem algum chute?

- Bem, lembrando que ela é uma golpista, seu verdadeiro amor poderia ser o dinheiro. Mas, pela forma como você a descreveu, acredito que não. Bem, quem sabe a empregada que quebrava os galhos pra ela?

- Nem pensei nessa alternativa, menino. Acho que não sou tão vivida assim. No dia marcado pro serviço, o matador entrou na mansão à noite, como um ladrão. O banqueiro ouviu um barulho estranho e foi ver o que era. Severina sabia que, se deixasse o marido ir, ele morreria. Tentou impedir, mas o velho estava decidido a defender seu território. Aí, várias coisas passaram pela cabeça dela. A vida dura no sertão, a morte do pai, a mãe que lhe trouxe à força pra São Paulo, e de quem ela roubara tudo, todos os cafajestes que ela tinha encontrado, o filho que tinha perdido. O jagunço que batia nela e tinha por profissão matar pessoas. E, por fim, o seu marido, um homem bom, que confiou nela mesmo sem ela merecer. Aí, não teve mais dúvidas. Correu atrás do marido, chegando a tempo de empurrar o coitado e levar o tiro que era pra ele.

- Ah, não brinca!?

- Essa cena final tem que ser linda! O matador, sem entender nada, foge. O velho, desesperado, ajoelha-se ao lado dela e pergunta algo mais ou menos assim: “Por que você fez isso?”. Ela responde num último suspiro antes de morrer: “Porque eu te amo”.

Ainda não me encontrei, mas acabei de dar mais um passo adiante. Escreverei apenas mais esse livro da Kátia, pra não deixar ninguém na mão, e depois encerro minha curta carreira de ghost writer. E de escritor também. Acabei de ter a certeza disso. Não é nada com a Kátia, é comigo. Tentar reaproveitar meus talentos de tecelão de palavras pra costurar as idéias alheias já nasceu como um plano fadado a se rasgar em farrapos novamente. A empolgação era pela novidade, não pela essência do que era o trabalho. Eu quis enquanto me empolgou. Não quero mais.

Se eu fosse escrever um livro hoje, faria qualquer coisa, exceto repetir a fórmula do livro anterior, que é exatamente o que a Kátia fez. Não a estou julgando por isso. Não, não. É uma decisão dela, elogiável em tantos aspectos e criticável em tantos outros, como a decisão de qualquer artista. Mas, sim, me incomoda não ser mais quem toma a decisão. E nem vou me intrometer na decisão da Kátia. Iria contra todas as minhas convicções sobre liberdade criativa. Que tipo de artista seria eu se fizesse isso?

E a nova estória da Kátia é boa. Ela perde a língua, mas não perde o jeito com as estórias. Sim, confesso ter achado meio longa demais, e não ter gostado tanto assim do final novelesco, mas isso a gente trabalha com calma. E gostei de ver que a Kátia conseguiu para si uma identidade conceitual, com mais uma estória de redenção, embora esta, diferentemente da primeira, seja uma tragédia que tende para o lado bom da humanidade. Pensando friamente, agora já acho que o final deve continuar o dramalhão que ela me contou mesmo. Sabe, a vida tem dessas coisas.
